

[www.autoresespiritasclassicos.com](http://www.autoresespiritasclassicos.com)



As pesquisas Thomas Pallister Barkas com a médium  
Elisabeth d' Espérance

Extraídos da obra  
Elisabeth D'Espérance - No País das Sombras

Nossos estudos entraram em nova fase com a chegada de um novo visitante, impelido pelo desejo de obter um retrato ou, pelo menos, de estar presente à execução de um dos meus desenhos. Era o Sr. Barkas, um homem conhecido, uma verdadeira celebridade. Ele possuía conhecimentos variados, era amigo das artes, observador inteligente e consciencioso, tendo grande e filantrópico interesse no progresso da classe operária. Havia fundado em Newcastle uma galeria artística, um salão de conferências e uma biblioteca, e não se cansava de tentar tudo quanto fosse possível para atrair-lhes concorrência e animar a instrução. Além disso, fazia freqüentes dissertações públicas sobre assuntos da atualidade. Essas dissertações, por árido que fosse o assunto, interessavam sempre, devido ao modo pelo qual eram feitas. Logo que ele ocupava a tribuna, o grande salão de conferências enchia-se de um público atencioso e inteligente.

O Sr. Barkas, membro da Sociedade Geológica, era espírita. A ninguém buscava impor sua fé na existência de um mundo espiritual; mas, apesar da sua reserva, suas crenças eram muito conhecidas por todos e, à vista da sua qualidade de homem considerado, muitas vezes o ridicularizavam de um modo pouco agradável, o que ele recebia com inalterável bom humor.

Passou a fazer parte do nosso pequeno grupo, na esperança de ver alguma coisa de novo; mas, durante muitas sessões, nada veio satisfazer-lhe. Afinal, de improviso, pude ver e fazer o retrato de uma dama idosa que se dizia sua parenta. Ele, entretanto, não a reconheceu senão por seu modo de trajar, dizendo que podia ser o de sua avó, de quem conservava mui fraca lembrança.

Numa dessas sessões, atento ao que pudesse vir, o Senhor Barkas disse que pretendia fazer doze conferências em um grande salão da vizinhança. Pela conversação que se seguiu, compreendi que essas conferências eram destinadas a vulgarizar conhecimentos científicos no seio do povo. Na primeira, ia tratar da eletricidade, seus usos e aplicações, ou coisa semelhante. O Sr. Barkas expôs os pontos que tentaria demonstrar aos seus ouvintes por meio de experiências práticas. Falou das diferentes teorias que têm sido emitidas para explicar esses diversos fenômenos.

Durante essa conversação, que segui atenta, mas silenciosamente, conservando na mão um lápis, por cima de uma folha de papel de desenho, eu estava pronta para retratar o Espírito que se apresentasse. Senti minha mão tornar-se fria e entorpecida; depois o lápis escreveu, e lemos estas palavras: “Poderei saber quais as teorias particulares que pretendeis sustentar e popularizar?”

– Essa pergunta é dirigida a mim, segundo suponho – disse o Sr. Barkas, olhando-me risonho –. Interessai-vos pelo assunto?

– Não... sim... não sei – respondi –. Não sou eu quem vos interroga, é Stafford.

– Bem – disse o Sr. Barkas –, se isso tem interesse para o Sr. Stafford, conversarei com ele de boa-vontade.

Seguiu-se uma longa explicação das diferentes teorias, seus méritos e defeitos, terminada por uma exposição do Sr. Barkas acerca das suas opiniões pessoais e dos motivos que o induziam a adotá-las. Eu havia tentado seguir esses desenvolvimentos com atenção, porque o expositor parecia dirigir-se a mim, mas não tardei a perder-lhes o fio, completamente atrapalhada pela repetição de termos técnicos cuja significação eu compreendia tanto como o hebraico.

Logo que ele terminou, a minha mão escreveu com clareza e resolução o seguinte: “Estais iludido; enquanto não avançardes mais em vossas experiências, elas parecerão sustentar a vossa teoria; mas, adiantai-vos, fazei as experiências que, se assim permitirdes, desejo propor-vos, e reconheceréis que as vossas teorias nem mesmo merecem discussão.”

– Pareceis estar muito forte nesta matéria – disse o Sr. Barkas –; talvez pudésseis instruir-me em vez de dar-me simples indicações.

– Pouco sei – retorquiu Stafford –, mas tenho lido muito e experimentado bastante; por isso o assunto interessa-me sempre. É possível que eu tenha notado certas coisas que escaparam à vossa atenção e vice-versa, e julgar-me-ei muito feliz se puder auxiliar-vos de qualquer modo.

Com certeza essa inversão de papéis era uma coisa inesperada para o nosso amigo. Suponho que todos nos sentimos um tanto escandalizados diante dessa fria superioridade de Stafford, porque nenhum de nós teve o pensamento de duvidar dos conhecimentos científicos do Sr. Barbas ou da exatidão das teorias por ele sustentadas. Ao mesmo tempo sentia-me, ainda que sem manifestá-lo, fortemente arrastada em favor de Stafford e desejava saber como ele se sairia com honra dessa situação.

Imagino que o mesmo sentimento preocupava os outros membros do nosso grupo, porque quando, depois de três horas de discussão, o Sr. Barkas disse a Stafford: “Pois bem, meu amigo, vou seguir o vosso conselho, escolherei outro assunto para a minha conferência, farei as experiências que me sugerirdes e verei o que daí resultará”.

Uma grande satisfação patenteou-se nos semblantes e nas palavras dos assistentes.

As nossas sessões tomaram um caráter totalmente diverso depois de ficar assim reconhecida a competência de Stafford em matéria científica. O Sr. Barkas, surpreso por ver a sua ciência em falta, falou do assunto aos seus amigos que, embora não fossem levados por esse fato a se interessarem pelas manifestações espíritas, não estavam menos curiosos de ver uma “jovem, de educação vulgar”, discorrer com competência sobre as ciências naturais e assinalar os sofismas contidos nas proposições apresentadas por sábios. Esses senhores pediram permissão para assistir às nossas sessões semanais e, geralmente, apresentavam-se munidos de uma longa lista sobre assuntos científicos, evidentemente arrolados para embaraçarem-me. Stafford manifestou-se tranqüilo e escreveu:

– Sentirei satisfação se puder prestar-vos algum serviço; mas, estabeleçamos ordem em nosso trabalho e estudemos cada assunto por sua vez.

– Podereis dizer-nos quais os que vos são mais familiares?

– Não sou especialista em matéria alguma, mas, como vós, li um pouco a respeito de tudo. Se indicardes os assuntos que desejais aprofundar, eu vos direi se estou ou não no caso de discuti-los.

– Pois bem! propomos que disserteis sobre a luz.

– Muito bem, e depois?

– O som, a acústica, a música, a harmonia.

– E depois?

– Se discutirmos tudo isso receamos abusar da vossa paciência; se, porém, assim não for, escolheremos em seguida outros assuntos.

Começou então um debate que se prolongou por muitos meses. Como Stafford havia sugerido, as questões só eram aceitas quando se referiam ao assunto da presente sessão; acontecendo, porém, que a discussão de uma mesma matéria se prolongasse às vezes por muitas noites, o questionador, no intervalo das sessões, correspondia-se com os outros sábios do país, no intuito de verificar as explicações de Stafford e de colher, ao mesmo tempo, materiais para apresentar novas objeções.

Quanto a mim, não tomara grande interesse nessas discussões, a não ser pelo ardente desejo que tinha de ver Stafford mostrar-se capaz de lutar com tantos homens ilustrados e sequiosos, como me parecia, de provar a sua própria superioridade intelectual. Eu não compreendia os termos técnicos ali constantemente empregados e às vezes perguntava a mim mesma se eles eram mais bem compreendidos pelos interpelantes.

Geralmente, durante essas sessões prolongadas, divertia-me em estudar o jogo da fisionomia das diversas pessoas sentadas ao redor da mesa e em meditar sobre o número considerável de conhecimentos que elas aí adquiriam.

Um desses senhores tinha o hábito de cerrar os olhos, como se estivesse totalmente absorto em algum importante problema científico. Uma noite, quando minha mão escrevia certa resposta assaz longa, ouvimos do lado desse profundo pensador um roncar característico que me fez dar uma risada, e foi grande a dificuldade que tive para conter-me e continuar a escrever.

Muitas vezes Stafford assim respondia: “Não sei, mas vou receber informações e já vos trago a resposta.” Havia então suspensão da escrita durante alguns minutos; depois, o lápis começava a mover-se e respondia à questão.

Às vezes Walter ou Nínia enchiam esses intervalos com as suas observações pilhéricas ou com reflexões sobre a aridez da matéria em discussão, admirando-se de acharmos gosto nisso. Às vezes também me era possível esboçar o retrato de alguns dos nossos visitantes espirituais, mas isso era raro. Em geral, eu saía das sessões excessivamente enfastiada e totalmente exausta. Minha saúde não era boa, cuidados e desgostos domésticos feriam-me duramente e, se não fosse o interesse imenso que tomei por essas sessões, eu teria cedido à tentação de abandoná-las por algum tempo. Não tive, porém, a coragem de fazer baquear as numerosas esperanças dos meus amigos, e resisti tanto quanto minhas forças permitiram.

Os quatro assuntos precedentemente indicados foram por muito tempo o objeto de discussões. A propósito do som, Stafford descreveu em seus menores detalhes um aparelho capaz de transmitir as ondas

sonoras a distâncias ilimitadas; esse aparelho, dizia ele, bem depressa será conhecido no mundo inteiro. Tal declaração foi cortesmente acolhida, como era de nosso costume, e um dos assistentes, falando depois do aparelho, disse: “Quem mais viver mais coisas verá.” Não tivemos necessidade de viver muitos anos para vermos espalhado pelo mundo inteiro o telefone descrito por Stafford.

Outra invenção, cujo aparecimento nos anunciou, foi a de um aparelho ao qual denominou: “Designograph”, e cuja utilidade consistia em reproduzir numa parte do Globo, por meio de combinações elétricas, os caracteres de escrita que uma pessoa fizesse num papel colocado na outra parte. Por esse meio, desenhos e planos poderiam ser fielmente transmitidos de um a outro extremo do mundo. Decorreram vinte e cinco anos depois dessa predição, mas o aparelho anunciado só apareceu nestes dez últimos anos, e ainda não é conhecido e aplicado de um modo geral.<sup>1</sup>

– Meu caro Stafford – disse uma noite o Sr. Barkas –, já esgotamos todo o nosso cabedal de conhecimentos, questionando-vos. Não poderíeis indicar-nos algum outro assunto interessante para objeto da discussão?

– É a vós que isso compete – respondeu Stafford.

– Não conheço nenhum assunto que possa ser de interesse geral – disse o Sr. Barkas, com um sorriso que me fez pensar no meu vizinho dorminhoco –, mas, conto entre os meus amigos um doutor em Medicina, que sempre me está pedindo para travar relações convosco. Talvez ele tenha alguma questão de interesse a propor-vos.

– Serei feliz estando na companhia de qualquer dos vossos amigos.

Por esse modo, o médico veio e escolheu a Anatomia para objeto da conversação. A discussão prolongou-se por uma ou duas noites e pareceu despertar grande interesse, rivalizando o médico e Stafford no emprego de expressões e termos latinos. Depois dos ossos foram discutidos os nervos, e aí Stafford pareceu levar vantagem. Uma vez ele deteve-se bruscamente no meio de uma frase, dizendo:

– Esperai um instante; vou consultar um dos meus amigos sobre esse ponto; ele conhece isso melhor do que eu.

Durante meia hora, Walter entreteve-nos imitando de um modo chistoso o “Governador” e fazendo uma dissertação científica acerca das propriedades do ar, a que ele dava o nome de “oxi-hidro-nitro-amoníaco”. Questionado sobre a significação dessa palavra, disse-nos:

– Quando trato de assuntos científicos, prefiro servir-me de nomes científicos – querendo, evidentemente, meter à bulha o médico cuja conversação era quase ininteligível para o comum dos espíritos, tal o uso excessivo que ele fazia dos termos técnicos.

Depois de uma ausência de meia hora, Stafford voltou cheio de informações e recomeçou a discussão sobre as funções de certos nervos.

– Willis disse-me... – começava ele, quando o médico, que ia lendo as palavras à medida que eram formadas no papel, interrompeu-o bruscamente:

– Willis? Que Willis? Falais do grande Dr. Willis, autoridade reconhecida em tudo o que se refere ao sistema nervoso e ao seu funcionamento?

– Sim; creio que é considerado como uma autoridade, e foi por isso que o consultei; ele disse-me que certos nervos do cérebro receberam denominações tiradas do seu nome.

– Admirável! – bradou o médico; e pareceu-me que, a partir desse momento, seu respeito para com Stafford cresceu extraordinariamente.

Quanto às questões musicais, momentaneamente abandonadas por não conhecermos alguém suficientemente habilitado para sustentar uma discussão, julgamo-nos felizes quando excitamos o interesse do Sr. William Rae, organista distinto e muito apreciado. Eu havia feito parte de seus coros como discípula e tinha por ele muito respeito e afeição. Como já o disse, nunca estudei música, votando-lhe um interesse muito superficial, e por isso tal discussão não me prometia grande gozo.

Stafford declarou que não era um músico de execução, porém que tinha lido alguns livros sobre a teoria da música. Que fosse ou não músico executante, mostrou logo um conhecimento da matéria mais profundo que o do Sr. Rae, o qual declarou que escreveria a alguns dos seus amigos para ter as suas opiniões e conselhos antes de voltar à

discussão. Stafford concordou, e na semana seguinte o Sr. Rae trouxe-nos uma longa carta de Sir Jules Benedict, com explicações todas favoráveis a Stafford, em relação às questões discutidas.

Os assuntos de música, de harmonia, dos diferentes modos de construção de órgãos e outros instrumentos de música pareciam intermináveis.

Apesar do meu desejo muito natural de conservar-me cortês e condescendente com os bons amigos que seguiam essa discussão com tão grande interesse, começava a sentir-me terrivelmente fatigada e minha saúde, que nunca fora boa, ia arruinar-se de todo sob a ação dos cuidados diversos que pesavam sobre os meus ombros.

Segundo toda a probabilidade, Stafford viu que eu tinha necessidade de repouso e, no fim do ano consagrado aos problemas científicos, declarou que era preciso interrompê-los por algum tempo, podendo nós recomeçá-los mais tarde. Um dos assuntos de estudo propostos – a Química – não tinha ainda sido discutido por falta de interlocutor assaz preparado na matéria.

O Sr. Barkas fez notar que, aprovando a idéia de Stafford para dar-me algum repouso, lamentava muito não se haver tratado anteriormente desse assunto, tanto mais que um químico então muito conhecido, o Sr. T. Bell, acabava de pedir seriamente uma conferência com Stafford. Este, porém, foi inexorável; o Sr. Bell teve de esperar, visto que a saúde da médium era coisa mais importante que a discussão de qualquer questão. Por isso nada mais se tinha a dizer.

O Sr. Barkas terminou a série de suas conferências tratando das recentes experiências psicológicas. Nessa última conferência, sem declinar o nome dos assistentes de nossas sessões, ele tornou público ao que ele chamava: “Respostas extraordinárias dadas a questões científicas por uma jovem de educação vulgar.”

Não fiquei lisonjeada com essa apreciação da minha educação, mas, vencendo o sentimento de despeito que me feria, não pude deixar de confessar que, no domínio dos assuntos que tinham sido tratados, a minha educação era realmente muito limitada. Não tinha, pois, o direito de ofender-me com a observação.



Todos os manuscritos dessas sessões, se bem que me pertencessem, estiveram em poder do Sr. Barkas para publicá-los resumidamente.

Depois da sua morte esses manuscritos foram-me restituídos, mas, ao mesmo tempo, pediram-me para não os publicar e não fazer aparecer o nome dele nessas questões. Por isso, não fiz alusão senão ao que ele mesmo publicou das nossas sessões ou, pelo menos, àquilo que já se achava no domínio público.

Elisabeth D'Espérance - No País das Sombras

---